

# **PLURALISMO RELIGIOSO BRASILEIRO E A CRISE DE SENTIDO.**

BIANCO, Gloecir (Universidade Presbiteriana Mackenzie)\*

## **1. Introdução**

Este artigo pretende lançar um olhar, em primeiro lugar sobre o cenário religioso brasileiro. Quais têm sido as motivações e direções deste campo nas últimas décadas. Não recorre a um detalhamento histórico, até porque, não é esta a proposta. Procura situar o leitor no que diz respeito à religiosidade, ao grau de envolvimento e de comprometimento com o que se entende por religião e quais as características deste campo. Num segundo momento, conceitua objetivamente pluralismo e sentido religioso nesse contexto. Recorre a alguns pensadores e procura esclarecer como deve ser entendido o pluralismo religioso tratado aqui, não como a multiplicidade de grupos religiosos sistematicamente organizados, mas diferentes concepções religiosas, diferentes maneiras da visão religiosa. Não se trata de interpretar doutrinas, mas os diversos modos de ver a religiosamente e o relacionamento com o sagrado, maneiras diversas de ver o mundo e a vida que, no cenário atual, encontra-se desprovida do sentido atribuído e sustentado por séculos pela religião.

## **2. Campo Religioso Brasileiro**

A riqueza e a diversidade do campo religioso brasileiro tem despertado o interesse da sociologia, principalmente nas últimas décadas, quando novos, curiosos e instigantes movimentos surgiram, reafirmando, como veremos adiante, pelo menos no que diz respeito à religiosidade, características atribuídas à pós-modernidade. Para se ter uma idéia do desenho da religiosidade brasileira, o IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – em números publicados em 2002, apresentou o seguinte quadro: Católicos Romanos 73,77%, Evangélicos 15,44%, sem religião 7,28%, outras 3,5%. Os que se denominavam espiritualistas somavam 0,02% do total. Assim, como se pode observar, o quadro social das religiões no Brasil, oferece uma intrigante estatística: o número de Cristãos é superior a 90%. Alguns pesquisadores já se referem a esta massa como representada por ‘cristãos subjetivos’, principalmente em razão de

---

\* Gloecir Bianco é Graduado em Administração, Pós-graduado em Marketing e em Gestão Avançada de Negócios. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

uma completa ausência deste grupo com o comprometimento com as instituições do sagrado:

*“Nesse sentido, um quadro mais acurado da realidade social das religiões no Brasil deveria, inicialmente, indagar sobre o significado subjetivo do cristianismo para 90% dos brasileiros. Representada num deus de amor, a escatologia cristã implica, de forma típica, certas exigências éticas de fraternidade universal, conforme as análises clássicas weberianas. No sentido da subsunção subjetiva dessas exigências, mesmo que mitigada e culturalmente reinterpretada, pode-se presumir que este número seja inclusive maior. Brasileiros que se dizem umbandistas, espíritas, esotéricos, ufólogos, logósofos, orientalistas, o povo do candomblé e até os sem religião não deixariam de ser cristãos em alguma medida, neste sentido. Por outro lado, deveria reconhecer melhor a configuração das relações no interior desse conjunto, as afinidades e dissonâncias eletivas no espectro de confissões cristãs” [1].*

Já, no que diz respeito à subjetivação[2], encontramos nestas estatísticas apresentadas acima uma forte comprovação. Não apenas dentro do catolicismo, mas também no chamado meio evangélico, encontramos uma enorme variação de crenças, ritos, sentimentos, doutrinas etc., o que, imediatamente nos faz lembrar o enfoque dado à pluralidade religiosa e ao resgate desenfreado do sagrado. Seguindo esta tese, não se pode deixar de considerar um outro elemento imprescindível à composição do quadro religioso dos brasileiros: a magia. De modo geral, alguns indícios da religiosidade brasileira são mágicos, a crença generalizada em poderes miraculosos

---

1 Pesquisa quantitativa no campo religioso: reflexões ulteriores sobre a experiência de participação de um grupo acadêmico de estudos da religião em duas pesquisas quantitativas, por Alexandre A. Cardoso, Cláudio Antônio C. Leite e Rita de Fátima A. Nogueira, disponível no site: [http://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2002/i\\_carlei.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2002/i_carlei.htm)

2 Segundo a filósofa Marilena Chauí (1981) o aparecimento da religião coincide com surgimento da vida humana, argumenta ela que é esta quem cria a religião. A representação que temos da realidade está assentada nos fatos e objetos que a constituem. Quando falamos ou agimos, os nossos atos estão permeados de nossas sensações, percepções e, de nossa história. Não há uma transposição de coisas em si, no espaço e tempo, sem a mediação do processo de subjetivação. Assim, aquilo que tomamos como “real” nada mais é do que a interpretação do objeto, da apropriação particularizada e subjetivada dos fenômenos presentes no nosso cotidiano. O discurso que proferimos sobre aquilo que gostamos e fazemos expõe com clareza, a relação sujeito mundo, presente na análise e orientação do processo de construção de nossa existência.

está presente em quase todas as religiões[3]. As explicações mágicas/miraculosas têm predominado, tanto na religião dominante (Cristianismo), quanto nas minoritárias. Milagres, curas, transformações de comportamentos, de situação financeira, vida afetiva etc. estão presentes hoje, em relativa abundância no mercado de bens simbólicos dos brasileiros, caracterizando uma experiência momentânea [4].

Contrariamente às previsões dos sociólogos no início do século XX, o campo religioso brasileiro não experimentou o “desencantamento do mundo”, ao contrário, tem experimentado intensamente o seu “re-encantamento”. Isso demonstra que, enquanto a sociedade se esforça por ser moderna e profana, seus indivíduos [5], andando na contramão recorrem aos apelos sobrenaturais, deixando claro que o comportamento fundado exclusivamente na razão não alcança todos os lugares e que o religioso sobrevive. Quando se lança o olhar para os lados, percebe-se que o sagrado está em toda parte, se por um lado a sociedade demonstra não precisar de deus, por outro, o indivíduo recuperou o milagre, recuperou o contato com o outro mundo e com a possibilidade de buscar ajuda diretamente dos seres (humanos ou não), dotados da capacidade não-humana de interferência nas fontes materiais e não-materiais de aflição. Construíram de novo os velhos ídolos, re-aprenderam as antigas rezas e os já quase esquecidos encantamentos, ergueram templos sem-fim, converteram multidões, refizeram códigos de éticas e preceitos morais religiosos, desafiaram os tempos e até mesmo se propuseram à guerra. (Prandi 1996 pg. 24).

Para Prandi, no Brasil, que já não é um país de hegemonia religiosa, aproximadamente um terço da população adulta (26%) já teria passado por uma “experiência de conversão” religiosa. Evidentemente, que os critérios utilizados como

---

3 “As ciências sociais, desde as análises mais remotas Frazer (1991), Durkheim (1989), Mauss (1974) e Evans-Pritchard (1978) têm discutido com muito interesse as relações entre magia e religião. De uma maneira geral, os maiores expoentes dessas disciplinas aceitaram com tranquilidade a existência de uma oposição entre religião e magia. Para Levy-Brühl a magia seria uma consequência de uma mentalidade pré-lógica, primitiva ou selvagem. Durkheim (1989:74) encarava a magia como um conjunto de procedimentos que persegue “fins técnicos e utilitários” e, para atingir seus objetivos, invoca forças, inclusive demoníacas, para fazer delas “instrumento de ação mágica”. Para Durkheim, a magia inverte os rituais da religião, se opondo a ela em algum ponto, estabelecendo assim oposição entre mágicos e sacerdotes” (Campos 1999, 41).

4 Gilles Lipovetsky escreveu um livro denominado “O império do efêmero” onde defende a tese de que não havendo teles, verdade etc. sobra a experiência momentânea e o consumo.

5 A sociedade, no entender de Peter Berger, “é um fenômeno dialético por ser um produto humano e nada mais que um produto humano, que no entanto retrage continuamente sobre o seu produtor. A sociedade é um produto do homem (...) A sociedade existia antes que o indivíduo nascesse, e continuará a existir após sua morte. Mais ainda, é dentro da sociedade, como resultado de processos sociais, que o indivíduo se torna uma pessoa, que ele atinge os vários projetos que constituem sua vida” (Berger, 1985 pg. 15).

paradigma para “conversão” variam, porém, não ultrapassam a esfera do indivíduo; isto significa que desde que a religião perdeu para o conhecimento laico-científico a prerrogativa de explicar e justificar a vida, nos seus mais variados aspectos, ela passou a interessar apenas em razão de seu alcance individual (Prandi 1996 pg. 260).

Portanto, ao ser colocada de lado pela sociedade, que se declara laica e racional, “a religião foi passando pouco a pouco para o território do indivíduo”. A partir do momento em que este indivíduo não se encontra mais preso à religião de seus pais, ele se encontra livre para escolher o tipo de produto ou serviço religioso que vai buscar na “hora do aperto”, este comportamento forçosamente modifica a concepção de “conversão”, tornando-a completamente sem sentido. Se antigamente mudar de religião significava uma verdadeira ruptura com toda uma história de vida, valores, concepções etc., agora a conversão apenas se refere à benesse que o indivíduo pode obter ao adotar outra religião, como se o fiel representasse tão somente um consumidor, que recorresse a um supermercado com muitas prateleiras e adquirisse apenas os bens e serviços que atendesse a seus anseios e necessidades naquele momento. A religião tornou-se uma mercadoria que vale o quanto for sua eficiência, aliás, brilhantemente defendida por Berger e Luckmann:

*“Se quiserem sobreviver, as Igrejas devem atender sempre mais aos desejos de seus membros. A oferta das Igrejas deve comprovar-se num mercado livre. As pessoas que aceitam a oferta tornam-se um grupo de consumidores. Por mais que os teólogos se ericem, a sabedoria do velho ditado comercial – ‘o freguês tem sempre razão’ –impõe-se também às Igrejas. Elas nem sempre seguem o ditado, mas freqüentemente o fazem”* (Berger e Luckmann, 2004 p. 61).

Nesse sentido, o avivamento do sagrado, a recuperação da relação com o sobrenatural, se dá pela via que se convencionou chamar de religiões de consumo, aquelas ditas mágicas ou da religião que “resolve”, da fé de “resultados”, “aqui e agora”. Assim, multiplicam-se as opções de religiosidade mística, que substituem as ênfases dadas tradicionalmente às ações sociais, dando origem aos movimentos carismáticos na igreja Católica e ao denominado neopentecostalismo. Seriam estes os sinais do ‘pós-modernismo’ (ou do modernismo inacabado)?:

*“Os estudiosos têm vinculado o protestantismo ao processo de modernização do mundo ocidental. Então, que transformações a religião experimenta se aceitarmos a substituição do período da modernização pelo advento de uma era de pós-modernização? Há alguma relação entre o surgimento do neopentecostalismo e a pós-modernidade?[6] (...) Porque há muitos que tentam efetuar tal análise sem perceber a existência de uma controvertida discussão sobre a oposição ‘modernidade’ e ‘pós-modernidade’” (Campos, 1999, pg. 46).*

Vamos em seguida, tentar entender o pluralismo e sentido religioso, trataremos o tema de maneira prática e suficiente para atingir o objetivo deste artigo.

### **3. Pluralismo e Sentido Religioso**

A partir da modernidade e até os dias atuais, muitos fatos econômicos, políticos, culturais e religiosos, têm acontecido, tanto de ordem mundial quanto nacional, marcando profundamente nossa sociedade. O fenômeno religioso está inserido neste contexto, considerando que a religião tem um profundo significado social. Na antiguidade e idade medieval, o ser humano, ao pensar o mundo e suas ordens, pensava o sobrenatural e entendia o mundo a partir da ótica do sobrenatural. Os dogmas faziam parte da vida das pessoas. Prevalecia o teocentrismo, isto é, Deus, a religião, a fé, era o centro de tudo. Na modernidade e principalmente com o advento do antropocentrismo, o centro passa a ser o homem. Com Galileu Galilei há ruptura entre a ciência e a religião. Os fundamentos passam a ser o estado e o mercado, a religião passa a ser uma questão de opção. Já o homem pós-moderno busca Deus na interioridade, busca a religião dentro de si mesmo e, comumente fala de um Deus que é energia, força. Na pós-modernidade todos os caminhos são válidos para a pessoa encontrar-se consigo mesmo. [7]

No campo religioso Brasileiro, percebe-se claramente a influência destes movimentos e, no entender de Ricardo Mariano, outro forte impacto recebido por este

---

6 Grosso modo, é possível referir-se ao neopentecostalismo como a ‘orgia’ do protestantismo clássico, a exemplo da referência feita pelo filósofo francês Jean Baudrillard, quando atribui a pós-modernidade como o ‘orgia’ da modernidade.

7 Disponível no site: [http://www.arquidiocesedelondrina.com.br/hp\\_JC/jc\\_setembro/corpo\\_doutrina.htm](http://www.arquidiocesedelondrina.com.br/hp_JC/jc_setembro/corpo_doutrina.htm) visitado pela última vez em 13/04/2007

campo, foi a separação entre o Estado e a religião. Esta tendência, aliás, natural nos Estados liberais, preconizou a neutralidade religiosa do Estado e a restrição da religião à vida privada ou à particularidade das consciências individuais. Se por um lado isto foi visto com muita simpatia pelas religiões que não eram a preferida pelo Estado, por outro, o Estado, agora secularizado, passa a ter que garantir a proteção a diferentes religiões. Assim, cultos, cerimônias, liturgias e doutrinas, das mais diversas origens passam a ter proteção legal.

*“(...) a separação Igreja-Estado rompeu definitivamente o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos, em especial os mais motivados, militantes e competentes nas artes de atrair, persuadir e recrutar adeptos e de mantê-los religiosamente mobilizados, pudessem conquistar espaço, avançar numericamente, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença institucional, mesmo que minoritária, nesse país cujo campo religioso foi durante a maior parte de sua história dominado por uma religião hegemônica privilegiada de diversas formas e incontáveis vezes pelo Estado” [8]*

Assim, proporcionalmente ao crescimento da liberdade, cresceu também a variedade dos concorrentes neste mercado de bens simbólicos, cresceu assustadoramente a diversificação e o volume de produtos e serviços (religiosos) oferecidos aos mais distintos nichos, segmentos e demandas do mercado religioso[9]. Por sua vez, quanto mais diversificada e volumosa tem sido a oferta destes produtos e serviços, maior tem sido os interesses materiais, ideais e também, as preferências para que os mais diversos estratos sociais sejam contemplados ou mesmo atendidos pelo

---

8 Disponível no site: [http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ricardo\\_mariano.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm) visitado pela última vez em 13/04/2007

9 Acrescentamos a opinião do Doutor Leonildo Silveira Campos sobre a “Mercantilização do Sagrado”, presente no livro: Teatro, Templo e Mercado: Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal: “A ‘mercantilização’ da religião é uma palavra que, ao ser usada, exige cuidados, pois presta-se a incompreensões e equívocos, incompatíveis com o discurso científico, daí o fato de a colocarmos entre aspas. Isso porque ‘mercantilização’, em nosso meio, se refere a algo extremamente negativo quando aplicado a religião. Dizer que esta ou aquela religião é “mercantilista” tornou-se um estigma que, atribuído insistentemente a uma instituição, é de difícil remoção. Porém, diga-se de passagem, a ‘mercantilização do sagrado’ como estigma lançado a diversas práticas religiosas é uma incoerência do sistema capitalista porque, se tudo nele é negócio e mercadoria, por qual motivo a religião deveria estar fora desse mercado? Afinal de contas, uma sociedade que mercantiliza o sexo, a inteligência, os sentimentos humanos mais íntimos, por que resiste tanto à idéia de se considerarem os fenômenos religiosos bens comercializáveis?” (Campos, 1999, pg. 177).

dinamismo dos provedores religiosos. Em suma, da desregulação estatal da economia religiosa, resulta a desmonopolização religiosa, a liberdade e o pluralismo religioso.

*“Tornou-se cada vez mais difícil para as Igrejas ater-se a dogmas e práticas não comerciais. No próprio processo muda o comportamento de uma Igreja para outra. Assim como não podem esperar que o poder do Estado obrigue as pessoas a freqüentar ao culto, também não podem esperar que o Estado elimine seus rivais. A situação pluralista obriga as Igrejas rivais a entender-se bem ou mal”.* (Berger e Luckmann, 2004, pg. 61).

Para Peter Berger, o pluralismo religioso possui um caráter secularizador por multiplicar o número de estrutura de plausibilidade, por relativizar o conteúdo dos discursos religiosos concorrentes, tornando-os privados e em razão disso gerando ceticismo e descrença. Por outro lado, pesquisadores americanos interpretam o pluralismo religioso como evidência da fraqueza da religião a partir da modernidade e constataam que a participação religiosa é mais alta onde um número proporcionalmente maior de empresas religiosas competem.

Ou seja, quanto mais desenvolvido for o pluralismo religioso maior será a mobilização e a participação religiosa do conjunto da população. É importante salientar que pluralismo religioso[10] é tratado aqui, não apenas como a multiplicidade de grupos religiosos sistematicamente organizados, mas também diferentes concepções religiosas, diferentes maneiras de visão religiosa. Não se trata de interpretação

---

10 Aqui acrescentamos a visão de Ricardo Quadros Gouvêa, Pastor Presbiteriano, sobre o assunto em artigo intitulado: A Morte e a Morte da Modernidade: Quão Pós-moderno é o pós-modernismo? *“O pós-modernismo, conseqüentemente, busca uma reinterpretação da idéia de uma sociedade pluralista. O pluralismo moderno (entenda-se iluminista) visava a convivência amigável entre visões diferentes e opostas, relacionada ao ideal iluminista da fraternidade universal e tolerância. Já o pluralismo pós-moderno (entenda-se pós-kantiano) dá um passo além e propõe não apenas tolerância, mas inclusivismo. O pós-modernismo se propõe, na prática, a ser um catalisador que reúne todas as forças interessadas na decadência dos discursos unitários em prol do pluralismo inclusivista. Espera-se que as opiniões cedam espaço umas às outras, particularmente aos pontos-de-vista marginalizados, aqueles que foram calados por gerações pelas vozes dominantes da sociedade, como é o caso do ponto-de-vista feminista, das minorias raciais, das culturas desprezadas. Todo discurso que tem a pretensão de impor-se como superior é rejeitado, não por mostrar-se intrinsecamente defectivo, mas por demonstrar uma incapacidade de "comportar-se" corretamente (daí a moda do "politicamente correto") diante desse novo contexto”.* Disponível no link: <http://www.icegob.com.br/marcos/Ricardo1.htm> visitado pela última vez em 13/04/2007

doutrinaria, trata isto sim, de modos diversos de ver religiosamente o relacionamento com o sagrado, de ver o mundo e a vida.

*“Assim sendo, podemos encontrar no interior de um mesmo sistema religioso, modos de ver diferentes, maneiras diversas de encarar religiosamente a própria religião, o mundo e as coisas. Eclodem assim mundos religiosos diferentes, mesmo que todos eles se declarem pertencer a uma mesma religião. Isso nos leva a pensar e a afirmar a subjetivação da religião, sem que isso também implique negar que ela deixe de ter sua dimensão de objetividade e sua doutrina. A partir desta colocação as opções de prática religiosa ou a escolha de um credo de preferência a outros, vem se fazendo a partir do sujeito e não a partir de uma norma objetiva. (...) É dentro deste pluralismo religioso que muitos que se dizem católicos decidem freqüentar centros espíritas. E não poucos decidem trocar de crenças. E no interior deste pluralismo explode a expansão pentecostal. A existência de credos diferentes denota, nesta situação, uma competição religiosa. Só quando se tem em vista este pano de fundo do pluralismo religioso, em que as opções religiosas ficam à mercê do modo de ver de cada um, é que se pode perceber a passagem de uma religiosidade que se subjetivou, de um credo para outro. O pluralismo religioso indica que as pessoas não deixaram de ser religiosas. Denota sim uma diversificação religiosa. E isto não só porque há credos diferentes, mas também porque há maneiras diferentes de crer e de praticar” [11]*

Mesmo não sendo prerrogativa deste trabalho discutir ou entrar em controvérsias sobre estarmos vivendo ainda a modernidade ou a pós-modernidade[12],

---

11 Disponível no site: <http://pensocris.vilabol.uol.com.br/religiosidade.htm> visitado pela última vez em 13/04/2007

12 Existe, ainda, controvérsias quanto denominar o estágio atual que a civilização vive, de moderna ou pós-moderna, aqui citamos novamente Campos, que esclarece: *“Para Giddens, a propalada pós-modernidade ainda não chegou, mas tende a se tornar hegemônica na cultura mundial, principalmente naquela veiculada pela mídia, um estilo de vida que era, até então, um fenômeno localizado. A sua chegada a várias regiões do mundo vai provocando o “desencaixe dos sistemas sociais” e uma posterior reordenação das relações sociais, influenciadas pela entrada contínua de novos conhecimentos. (...) o emprego do conceito de pós-modernidade pressupõe uma perspectiva de descontinuidade e de rompimento das fronteiras anteriormente delimitadas. Assim, o ser humano estaria vivendo um processo*

o que se pode deduzir é que estamos vivenciando este pluralismo religioso, este subjetivismo de significados. Dentro de um mesmo sistema religioso, encontramos inúmeras formas de interpretá-la. O cenário trazido por Rolim, nos remete para a essência do denominado pós-moderno, onde a subjetivação é o elemento preponderante, onde crer em tudo e, ao mesmo tempo em nada, parece ser igual:

*“O pós-moderno não tem uma cosmovisão nem mesmo posturas coerentes. É a pessoa que nega a existência de Deus, mas que crê em energia vinda de um cristal. Que nega a historicidade de Jesus, mas acredita em duendes. Agem assim porque as cosmovisões são explicações totalizantes do mundo, trazem respostas cabais e últimas. “Nenhuma certeza pode ser imposta a ninguém”, diz o pós-moderno. Recusando uma cosmovisão, uma visão integrada, as pessoas fazem uma crença tipo picadinho. Tudo está bom, tudo está certo. Ao mesmo tempo, isto não faz diferença. Cada um faz sua crença e sua religião. O valor último ou padrão aferidor é a própria pessoa. Foi isto que o roqueiro brasileiro, Raul Seixas cantou: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”. As pessoas não têm mais uma visão determinada do mundo”[13].*

Como o objetivo aqui é compreender os processos que produzem sentido no campo religioso, a conclusão a que chegamos é que isto não é tarefa muito simples, uma vez que implica em compreender a atividade humana, ou seja, implica em compreender os próprios processos de produção subjetiva e, ao mesmo tempo, os sujeitos que o constituem e sua relação nas configurações do desejo no campo social. Para tanto, necessário se faz, pensar as instituições, que segundo Hardt deveriam ser consideradas como um arquipélago de fábricas de subjetividade e as instituições sociais produzem subjetividade mais intensamente do que nunca, cada uma com suas próprias regras e lógicas de subjetivação. (Hardt, 2001, pg. 215).

---

*social de atomização, tornando-se mais individualista, desprovido de historicidade, voltando-se para si mesmo, na busca de referências para o viver diário” (Campos, 1999, pg. 46).*

13 Citação do artigo intitulado: A PÓS-MODERNIDADE, UM DESAFIO À PREGAÇÃO DO EVANGELHO, do pastor Isaltino Gomes Coelho Filho, disponível no site: <http://www.ibcambui.org.br/artigos/art25.htm>.

Segundo este autor, as instituições religiosas são a expressão instituída da produção de sentido de caráter religioso que acontece no domínio do sensível. Elas se constituem na forma objetiva da produção inconsciente e reveladora, portanto dos processos subjetivos que as fizeram aparecer como configuração no social. Uma vez instituídas, porém, elas se constituem, não apenas como reveladoras das subjetividades de seus participantes, como também máquinas produtoras de subjetividades, ao mesmo tempo em que representam a expressão da própria subjetividade dos sujeitos que as constituem. Apesar dos ataques dirigidos às formações religiosas que se configuram na história, a religião prossegue em sua função de dar sentido à vida. Entretanto, faz-se importante distinguir o significado de religião enquanto campo de produção de conhecimento e sentido, do significado de instituições religiosas, que, na verdade, como visto acima, não passam de expressões objetivas dos processos inconscientes que se dão naquela instância.

## 5. Conclusão

Seitas e religiões podem mudar sentimentos de injustiça social, por exemplo, em formas relativamente inofensivas para a sociedade. Segundo Berger (1985, p.19) *“Se é necessário que se construam mundos, é muito difícil mantê-los em funcionamento”*. Para isso, seria preciso a disseminação de idéias. Pode-se encontrar idéias, que estimulam o homem a “salvar o mundo”. Elas oferecem ao homem o céu e não apenas as condições objetivas. Nesta área de tão vastas possibilidades de transcendência, a religião tem o poder, o amor e a dignidade da imaginação e, nesse nível, o simbólico satisfaz qualquer carência ou desejo. Deus, ou qualquer entidade supra terrena tem o poder de reduzir conflitos e encaminhar soluções. De um modo ou de outro, essas tentativas, buscas e anseios, explicam uma necessidade humana: inteligibilidade do mundo, identificando razões, motivos e intenções. Alves (1985).

O homem ao buscar na religião o instrumento para suas respostas encontra, via de regra, todas as alternativas prontas. A crítica, se aceita, pode induzir a negação e, neste campo, não é permitido. As pessoas não podem ser convencidas a abandonar suas idéias religiosas. Idéias são ecos, fumaça, sintomas. Se elas têm idéias é porque a situação as exige.(Alves, 1981, p. 42). O pluralismo religioso vivido pelo brasileiro, no entanto, tem trazido uma intensificação do descrédito no sagrado. A decepção do crente, no momento em que não consegue ter suas necessidades imediatas atendidas,

tem feito com que cresça assustadoramente o número dos “sem religião” nas estatísticas oficiais. É uma espécie de diluição da religião, onde o grande número de alternativas, crenças, santos, igrejas, cultos, missas etc. que, efetivamente, não tem aproximado o indivíduo do sagrado, muito pelo contrário, tem distanciado e frustrado. São os efeitos da modernidade, da pós-modernidade ou o crescente distanciamento do homem daquele “sentido para vida” prometido pela religião.

## 6. Bibliografia

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981

BAUDRILLARD, Jean. *Transparência do Mal: Ensaio Sobre os Fenômenos Extremos*. Campinas: Papirus, 2003

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Católicos, Protestantes, Espíritas*. Petrópolis, Vozes, 1973.

CAMPOS, Leonildo. *Teatro, Templo e Mercado – Organização e Marketing de um empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis - São Paulo - São Bernardo do Campo: Editora Vozes/Simpósio Editora/ UMESP.

CARDOSO, Alexandre A. LEITE, Cláudio Antônio C. e NOGUEIRA, Rita de Fátima A. *Pesquisa quantitativa no campo religioso: reflexões ulteriores sobre a experiência de participação de um grupo acadêmico de estudos da religião em duas pesquisas quantitativas* - [http://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2002/i\\_carlei.htm#nast1](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2002/i_carlei.htm#nast1) (visitado pela última vez em 13/04/2007)

CHAUÍ, M. *Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas*. 2 ed. São Paulo:Moderna, 1981.

COELHO, Isaltino Gomes Filho. *A Pós-Modernidade, um desafio à pregação do evangelho*. Disponível no site: <http://www.ibcambui.org.br/artigos/art25.htm>. Visitado pela última vez em 13/04/2007

GOUVEIA, Ricardo Quadros. *A Morte e a Morte da Modernidade: Quão Pós-moderno é o Pósmodernismo?* Disponível no site: <http://www.icegob.com.br/marcos/Ricardo1.htm> visitado pela última vez em 13/04/2007.

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001

LIPOVETSKY, Giles. *A Era do Vazio - Ensaio Sobre o Individualismo Contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores:

MARIANO, Ricardo. *Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso*. Disponível no site: [http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ricardo\\_mariano.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/ricardo_mariano.htm) visitado pela última vez em 13/04/2007

PRANDI, Reginaldo. *De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião*. Revista USP, São Paulo, nº 46, pp. 52-65, junho-agosto 2000

PRANDI, Reginaldo. *'Perto da magia, longe da política: derivações do encantamento no mundo desencantado'*. Em Antônio Flávio Pierucci e Reginaldo Prandi, *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Religiosidade Popular*. Disponível no site: <http://pensocris.vilabol.uol.com.br/religiosidade.htm> visitado pela última vez em 13/04/2007